



A CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA COMO EXPERIÊNCIA MODERNA NA PERIFERIA CAPITALISTA: A AVENTURA

Luiz Sérgio Duarte¹

Os aventureiros possuíram uma cidade que depois da inauguração lhes foi tomada. Durante a construção, outra cidade lá existia: a sociedade dos que constroem o novo. O produto do trabalho de pioneiros e candangos lhes ficou estranho, mas cabe reconstruir a aventura.

O tema da procura do centro confunde-se com a busca do sagrado, como o Graal (centro da vida e fonte da imortalidade). O desejo de estar no coração da realidade denuncia a nostalgia do paraíso, o desejo de, como na árvore sagrada (eixo do mundo) estabelecer o contato com o céu e instaurar a plenitude (Eliade, 1954). A conquista do centro é pura aventura. A aventura é uma forma da experiência marcada pelo princípio da acentuação “onde uma atividade é retirada totalmente do contexto geral da vida, mas deixa, não obstante, fluir em si a força e a intensidade total da vida” (Simmel, s.d.). É a sensação de contraste instituída por paradoxos tais como o de instalar o sentido no fragmentário (o aventureiro faz da ausência de sentido de sua vida um sistema de vida), o de incorporar o acaso (o acontecimento fortuito e exterior) à necessidade (a vida como sentido independente e interior) ou de juntar passividade e atividade (o gesto do conquistador exposto ao mundo). Ao fazer do inseguro e do incalculável os pressupostos de sua ação, a atividade do aventureiro torna-se loucura aos olhos do homem sóbrio (ela parece ter como pré-

I. Professor do Departamento de História da UFG.



requisito que o insondável seja sabido). O aventureiro é um cético (para quem o improvável é provável o provável torna-se facilmente improvável). Autoconfiante, ele é portador da “segurança sonâmbula”, o eixo de sua conduta. Mesmo quando é desmentido pelos fatos, o aventureiro é por excelência o ser do presente - ele não é definido por nenhum passado, vive o momento com excesso e alegria incontida. Tal intensidade e suspense afastam-no da objetividade e contemplatividade daquele que retrospectivamente é levado a reconstruir uma imagem ideal do passado para substituir a unidade perdida. Também, o futuro é engolido por esse romântico e radical sentimento de atualidade.

A memória dos homens e mulheres que construíram Brasília está impregnada pela representação da aventura:

As minhas lembranças todas de Brasília são extremamente agradáveis, viu? Nós éramos uma equipe muito homogênea, muito bom, muito bom relacionamento, muito bom convívio [...] eu tinha a impressão de que as pessoas de uma maneira geral se sentiam realizadas, se sentiam felizes lá [...] um negócio ímpar que não se repetiria nunca mais. (Tandeta, 1990)

Se eu pudesse resumir, eu quero dizer que Brasília, foi uma, é aventura da nacionalidade, sem querer ser grandiloquente, esplêndida, uma afirmação da nacionalidade, magnífica. É... contra uma pequena, porém ruidosa oposição e um... e uns... uns... uma falta de entendimento no começo. Eu estou certo que Brasília não resolveu os problemas do mundo, nem os de Brasília. Eu, só me comove saber que em dez anos, o aniversário de dez anos de Brasília foi comemorado debaixo, numa época da mais dura repressão. Nunca, eu acredito que qualquer um de nós que tivesse trabalhado em Brasília podia imaginar que dez anos depois nós tivéssemos mergulhados naquelas trevas. Mas o espírito de Brasília tá renascendo aí, e espero que ele seja, venha pra ficar: Que o espírito de Brasília essa... isso é, uma cidade generosa, ampla onde o convívio humano

fosse fraterno, e... e ela propicia essa coisa. (Guimarães Filho, 1989)

Então... nesta leva de aventura foi que eu saí do Recife para o Rio [...] nordestino é igual, dá o nome, de formiga [...] É que vai pra lá e vem pra cá e não para, espírito de cigano, né? (Santos, 1990)

Nossos filhos era tudo grande, casado. E a gente queria... aventura. Pensa que só moço que faz aventura? (Mazzola, 1988)

Vim porque sou aventureiro. (Soeiro, 1990)

Entretanto a grande experiência foi, sem dúvida, da qual – como todos eles – guardo uma grande saudade. (Niemeyer, 1961)

O ambiente da construção era um lugar extraordinário. Sua população era caracterizada pelo desequilíbrio na quantidade de homens e mulheres (100/17 em 1959).² A consequência sociológica é a repressão do que Habermas (1987) conceitua como “mundo da vida” (“o horizonte onde os agentes comunicativos se movem”) e sua substituição pela irracionalidade produtiva da grande obra de construção que disciplina e organiza o trabalho visando a sua máxima produtividade. Ao mesmo tempo, gestou-se um lugar da liberdade (no sentido negativo, ausência de amarras, e no sentido positivo, reconhecimento da incomparabilidade de cada indivíduo). Um lugar isolado de tudo, com poucas mulheres, muita exploração, e onde a sociabilidade era reconstituída não só nos interstícios do sistema: na Cidade Livre, nos restaurantes coletivos, no futebol, nas mesas de jogo de pif-paf, mas também

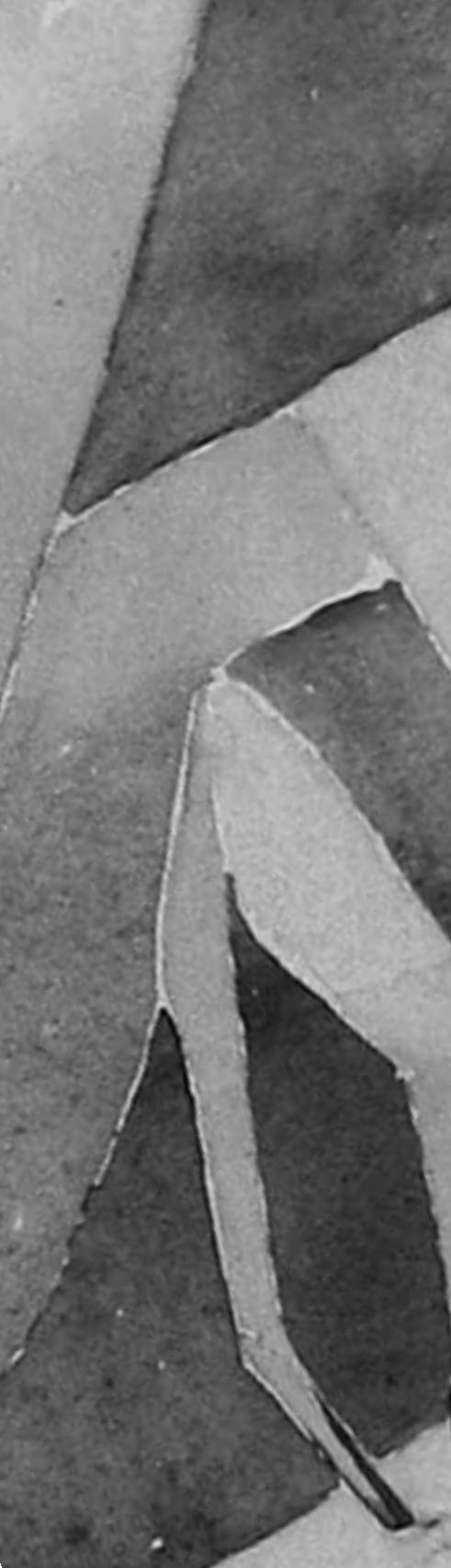
no ambiente de trabalho (a obra). Táticas subversivas da estratégia disciplinadora por um lado, mas sobretudo consequência do isolamento físico, da comunidade de ideias e da experiência da aventura. A excepcionalidade de Brasília em construção constituiu-se por possibilitar a junção (frágil e passageira) de trabalho e felicidade.

Por mais que o ritmo de trabalho fosse extenuante (e também por isso), o fetiche do salário como estímulo (a abstração real da alta remuneração), o isolamento do canteiro de obras, a disposição de desenvolvimento do migrante, e o que na época chamou-se o espírito de Brasília (amalgama de entusiasmo, idealismo, amizade e confiança) favoreceram a formação de pequenos círculos: a turma do Oscar Oovens (arquitetos de esquerda que organizavam grupos de estudos sobre o marxismo e conviviam diariamente), a turma das instalações (os engenheiros de instalações prediais, grupo boêmio frequentador continuado da Cidade Livre); os empreiteiros (que se confundiam com os administradores na assiduidade aos jantares com políticos, bailes nos clubes de engenharia e tardes à beira da piscina); os mestres (que compunham um verdadeiro grupo de pressão, denunciando erros de engenharia e solucionando problemas práticos); o pessoal da GEB (moradores da Velhacap e unidos pelo princípio corporativo) e os operários (nas vilas e invasões onde, apesar de toda resistência, reconstruíram seu cotidiano instalando suas famílias em barracos feitos de sacos de cimento e lona, ou mesmo dentro dos acampamentos). A forma de identificação por Estado de origem, os times de futebol, a conspiração para introduzir bebida alcoólica nos acampamentos, os grupos de pescaria nos córregos da região, as expedições organizadas às cidades do entorno e as lutas pela moradia garantiam a sobrevivência do horizonte comunicativo.

2 Segundo Tamanini (1994) são os seguintes os dados sobre população: dezembro de 1956: 1.000; janeiro de 1957: 2.500; julho de 1957: 13.000; maio de 1958: 31.000; junho de 1959: 64.000; abril de 64: 90.000.

Dias tomados, noites vazias e angustiantes. O livro de ocorrências da Guarda Especial de Brasília está repleto de casos de embriaguez (geralmente acompanhados de desordem, briga e desacato a autoridade). As apreensões de armas são constantes. Muito roubo e briga envolvendo prostitutas. Jogo, golpes, vadiagem, estupros, taras, drogas, loucura, suicídios são referidos repetidamente. Os bate-paus (guardas da GEB) reprimiam operários “que tentam incitar companheiros contra a empresa.” Mas também socorriam acidentados, solucionavam brigas de casais, policiavam a ZBM (Zona de Baixo Meretrício), os circos e parques de diversões da Cidade Livre e o carnaval (a Escola de Samba Verde e Amarelo desfilou em fevereiro de 1958). A aventura produziu suas vítimas: os acidentados (em 1959 o hospital do IAPI atendeu a 10.927 casos, uma média de 30 acidentes por dia; em fevereiro de 1960, com a aceleração do ritmo das obras, essa média sobe para 170 casos/dia – *Diário Carioca-Brasília* de 11.2.60 e de 21.5.60) ou, em uma situação limite, o famoso Massacre da Pacheco.

No entanto, a memória de pioneiros e candangos é marcada pela saudade de um tempo e lugar onde em torno do trabalho de construção da cidade criou-se uma comunidade de homens livres. O ambiente da construção (e seu lugar central, a obra) reuniu os representantes de universos culturais distintos que passaram, então, a inter-relacionarem-se criativamente formando a especificidade de um ambiente social marcado pela aventura. Para o grupo de administradores, técnicos e empreiteiros a experiência da utopia, no sentido em que às oportunidades profissionais juntava-se o ideal da refundação nacional. Para os candangos, um Eldorado com a vantagem de ser real: comparativamente, as condições de trabalho, as perspectivas de ascensão, o nível dos salários eram superiores. O mais importante, portanto, era que a grande obra de construção recebia todo o apoio



do Governo JK. Tal apoio materializa-se na criação de um ambiente extraordinário em que perspectivas de melhoria eram palpáveis para todos. Nacionalismo, milenarismo, desenvolvimentismo, messianismo fundiam-se. Valores sociais modernos (avaliação contínua das opções, via critérios de eficiência técnica, em termos de custos relativos para sua concretização) sobrepunham-se ao tradicionalismo (valores sociais fixados em padrões imutáveis e centrados em vias sagradas como meios de atingir suas opções). Constituiu-se a chamada democracia de fronteira (“desaparecimento das diferenciações sociais quando linhas informadoras de polos opostos são atenuadas” – Ribeiro, 1980). Nela todos se vestem e se comportam de uma forma muito parecida e os sinais exteriores das diferenças sociais desaparecem:

Foi muito bom, nunca mais teve nada semelhante, e não vai ter. Esse é um dos maiores traumas que eu tenho, impossível recompor o Plano. A palavra impossível não existia. Havia solidariedade entre as pessoas. Tudo era arrumado sem burocracia. (Silva, J. M. K. L., 1989)

Nessa época não podia achar que nego não sofreu, porque não tinha jeito, não é? No começo assim, então... Mas, a gente não sofria tanto, de que... alguns problemas que a gente sente hoje porque parece que não tinha maldade, sabe? nas pessoas, então tinha assim... parece que era tudo irmão. Era engenheiro, era peão, tudo assim aquela coisa. Às vezes o sujeito entrava numa fila do SAPS, tava um engenheiro na fila, tava o padre Roque... (Santos, S. B., 1990)

Então foi uma, um conagraçamento impressionante, uma coisa fabulosa. Os funcionários em Brasília, engenheiros e arquitetos, médicos, operários. Era uma cooperação maravilhosa, livre de qualquer coisa, picuinhas e nada disso. Um tinha um problema todo mundo corria pra ajudar, não havia, foi uma coisa extraordinária mesmo, um entusiasmo formidável. (Roza, 1989)

Era uma delícia de atmosfera, quer dizer, éramos, a gente sentia como uma família sabe? Única, uma família única trabalhando numa obra comum sabe? (Pimentel, 1989)

Havia um clima de confraternização entre operários, engenheiros. Todos vestidos com as mesmas roupas, comendo nos mesmos res-

taurantes. De modo que isso dava uma ideia assim, uma ilusão de que a vida tava melhorando, que o mundo ia ser melhor, né? (Soares Filho, 1989)

Naquele tempo tinha cooperativismo, carona, ajuda mútua, coisas mais fáceis. (Soeiro, 1990)

Era um clima tão diferente de tudo, quer dizer, eu depois senti, mesmo em épocas que havia trabalhado e tudo, mas era, era um clima tão diferente, tão, tão, é difícil explicar, é muito difícil de explicar. E até hoje eu nunca mais senti aquele embalo, não é? Era um embalo que você não precisava tomar nada, não precisava fumar nada, não precisava cheirar nada, era natural, era, era, natural, era a própria vida, aquele momento. Então era, digamos, um, um alheamento, não, porque a gente sentia isso pelo país • todo, não é? Não era só peculiar a nós que estávamos fechados ali construindo, projetando Brasília. Mas não, era, era clima reinante. Porque isso, que... não sei como, que vai restabelecer isso. (Tandeta, 1990)

Brasília é uma afirmação do Brasil. E uma expressão do que o Brasil deve ser. O convívio fraterno, um... bonito e extremamente agradável de... viver [...] Brasília foi uma coisa gostosamente doida. (Guimarães Filho, 1989)

Era um Brasil muito otimista, uma geração que acreditou no Brasil, um espírito assim que tinha o sentido de que era possível você construir é, é, um país. Enfim, essa coisa de, de jovem mesmo [...] E a gente fez uma coisa sempre com muita seriedade, mesmo brincando. (Zettel, 1989)

De modo que para ele [JK] era como se fosse um brinquedo, aquilo, uma realização de uma criança que estivesse empenhada em ver o brinquedo nascer e funcionar [...]. É tudo gente assim, que vive assim um pouco solto do chão, né? (riso) É... são idealistas, eram os famosos idealistas (riso). (Costa, 1988)

A aventura da construção, exatamente pelo seu caráter extraordinário, pode ser entendida como exemplo de experiência autêntica. Por um pequeno espaço de tempo, em um lugar específico, alguns homens acreditaram estar em construção uma cidade de tipo novo, onde uma vida diferente se constituiria. Mais que isso, experimentaram a rara junção de trabalho e felicidade. Poder-se-ia estar sendo vítima da idealização da memorização: o presente que filtra o passado. Considero tais depoimentos como exemplos do que Benjamin conceituou como sabedoria (o lado épico da verdade). Ao se referirem à extraordinariedade da sua

experiência o que tais narradores querem é dar um conselho (uma proposta para o presente – Benjamin, 1980). Além disso, nos depoimentos aqui utilizados há um traço em comum entre arquitetos e pedreiros: eles são artesãos. As formas de trabalho artesanais são os últimos baluartes da narrativa. Só a forma do artesanato permite a sobrevivência das condições (a autonomia do projeto, aprendizes, espaço de manobra com relação ao tempo, qualidade e decisão imediata) nas quais é possível contar uma história durante o trabalho.

O ambiente da construção é também laboratório para estudar a interação nas situações-limites. Partindo da observação das modalidades de ordenação espacial e temporal o objetivo é entender as redes de relações sociais e valores. A hipótese é a de que o tempo e o espaço da construção eram percebidos como extraordinários. A sociabilidade era condicionada por essa percepção. Havia um código dominante: a sociedade da aventura percebida e experimentada como lugar ideal das relações humanas. A casa e a rua não eram mais inimigas, rua era a casa e a casa era a rua.³

Brasília em construção era o espaço do malandro, do sonhador, do aventureiro, do estrangeiro e do candango (na raiz quimbundo: “ruim”, “ordinário”, “vilão”). As regiões de fronteira, indeterminadas e indefinidas, aparecem como eldorados para todos os desarraigados que podem estabelecer-se ali. Todos eles sós, individualizados, sem boas maneiras, “cada um por si”, “na rua”. Ao mesmo tempo, submetidos a uma organização moderna (a Novacap), controlados patriarcalmente por um autocrata governante de um microterritório (Israel Pinheiro), em contato com tecnologia de ponta, com processos de disciplinarização, e com a dinâmica da circularidade cultural (a troca entre erudito e popular). Sobretudo, crenças

3 “Mas sem que a casa deixasse de ser casa e a rua de ser rua: dois inimigos. Vende-se uma preta de bons costumes, muito ágil para todo o serviço de uma casa, tem 16 anos de idade e sempre tem sido criada sem sahir de casa à rua dizia-se num anúncio publicado no Diário do Rio de Janeiro, de 28 de janeiro de 1821. Anúncio significativo: indica, com outros do mesmo sabor, a diferenciação profunda que se estabelecia entre escravo de casa – ou de sobrado – e escravo de rua.” (Freire, 1968). Do prefácio da terceira edição de 1961: “O que se deve atribuir ao que em Sobrados e Mucambos é empenho de evocar-se do passado de um povo – o brasileiro –, através de seus estilos de residência, constantes de residência e normas de coexistência que ainda hoje parecem agir sobre a vida e o caráter do mesmo povo, fazendo-o defrontar-se com imposições modernas de economia e de técnica, apegado a tradições peculiares a sua formação, patriarcal, é certo, mas também democrática. Apegos que não podem ser de todo esquecidos pelos reformadores sociais ou estéticos de hoje, sem o risco de realizarem reformas de todo precárias ou apenas de superfície: O alerta tem uma direção: Brasília, Costa e Niemeyer.”

de que construíam o novo, unidos por ideais e por uma experiência singular e fugaz que atenuava as contradições e proporcionava-lhes o sentimento de “estar em casa”.

Simmel distingue a sociabilidade do pequeno círculo, onde o “inevitável conhecimento da individualidade produz um tom mais cálido de comportamento” (Simmel, 1987) e a antipatia indiferente e neurastênica presente nas ruas da metrópole. O ambiente da construção (a aventura) confundiu-as. Para uns a aventura da reconstrução, para outros a simples possibilidade construtiva:

Eu sabia que eu ia trabalhar, pelo menos é o seguinte: porque jovem é pra trabalhar. Procurar pelo menos o lugar pra gente, que tinha comida, tinha desenvolvimento, porque era diferente do Norte. O Sul sempre foi diferente do Norte, não é [...] nós viemos pra Brasília. Graças a Deus foi o passo mais sério que Deus encaminhou. (Silva, 1990)

O significado da construção foi muito bom pra nós lá do Norte, a gente, ainda mais eu que não tinha pai, não tinha mãe, muito explorado, muito usado pelas pessoas. (Silva, M. P., 1990)

O que eu tenho a registrar, é que... vim da usina de açúcar, vim do engenho da rapadura, famoso engenho da rapadura e da cachaça do Nordeste, por essa longa caminhada da vida, caindo e levantando... e hoje estou aqui feliz. Feliz porque... não sei o... não sei que se foi o destino que me trouxe... sei que eu olho pra cima e agradeço muito a Deus, porque estou envelhecido, cabelos brancos, 64 anos, criei meus filhos, casei... fiz oito filhos... Um homem que veio da formiga preta, da palha da cana de engenho e se senta na sala e de repente chega uma filha e diz: 'bença, papai.' E ele olha pra ela assim e diz: 'Bom dia, doutora.' Eu tenho uma filha doutora, que eu quero mais na vida? Sou o

homem mais feliz do mundo. É só isso que eu queria dizer. (Santos, S. M., 1990)

Eu, pra mim... pra minha vida... como eu falei pra vocês que eu trabalhava numa roça na Bahia, e vim vendido pro Goiás e eu vim vendido pro Goiás e eu vim viver aqui dentro do Distrito Federal. Pra mim tudo... a construção de Brasília... E eu devo a minha vida a Brasília... E tudo que eu aprendi foi aqui em Brasília. [...] Foi onde eu tive a oportunidade de aprender alguma coisa foi em Brasília. (Santos, S. B., 1990)

Ah, pra mim foi uma beleza, ótima, eu nunca vi coisa, uma obra tão fantástica na minha vida. E pra mim foi muito bom, pra minha família, eu ajudei a família [...]. Dá revolta, dá revolta sinceramente. Tanto plano bonito e bom que Juscelino deixou aí, e hoje tá uma catástrofe. Desmancharam tudo. Porque quem conhece Brasília daquela época, viu os plano que Juscelino fez e hoje tá do jeito que tá, vou te falar. Arrasaram Brasília, a universidade mesmo, arrasaram a Universidade de Brasília. A Revolução foi tirar aqueles estudante inteligente, que tinha lá, que podia fazer um programa pro Brasil ficar maior que os Estados Unidos, o Japão, mataram tudo. (Queiroz, 1991)

Amigos... foi assim uma época que a gente tinha um ciclo de amizade que era, que era todo mundo igual, não é? Realmente aquilo era uma amizade sadia. O que eu me recordo mais da época era daquelas amizades que hoje não existem mais. Pois é, hoje as amizades se distinguem pelo, sua posição social, pelo seu nível intelectual. Naquela época não, era todo mundo igual: do engenheiro ao, ao mestre, o encarregado, não é? Era o que eu acho, aquele, era uma sociedade igualitária, não existia assim aquele preconceito. De, de principalmente superioridade. (Nascimento, 1990)

Essa coisa de construir muda as pessoas [...]. Não podia se incomodar, porque se você se incomodasse, tava realmente perdida em Brasília, não é? Agora, uma coisa eu notei muito, todas as pessoas, desde o homem mais humilde, o candango da Cidade Livre... os empreiteiros, as pessoas que realmente frequentavam Brasília, durante o tempo, não é? da obra, todas elas tinham o mesmo, mesma forma de ser, eram positivas [...] Pioneiro é uma pessoa que não é formal nos acontecimentos, quer dizer, ela pode viver uma vida formal, mas ela também se transporta pr'uma outra condição de vida com uma aceitação tranquila, sem sofrimento. (Sant'Anna, 1989)

Simmel afirma que no que diz respeito às relações entre espaço e sociedade, o que possui significado social “é a articulação e coordenação das partes do espaço produzidas por fatores espirituais” (Simmel, 1992). Espaço e tempo são condições das relações sociais e não categorias explicativas por si mesmas. São maneiras que tem o homem de reunir e expressar em ideias os efeitos sensoriais e isso é feito culturalmente, vale dizer, simbolicamente. A relação recíproca converte o espaço, antes vazio em algo pleno para nós. Existem tipos de associação que são espacialmente permeáveis entre si, mas é porque não possuem nenhuma relação íntima com o espaço e podem conviver. Quando um organismo social se confunde com uma extensão territorial ela adquire um caráter espacialmente único e exclusivo. O Estado, o município, a cidade e o grêmio possuem essas características, embora só a forma do Estado seja absolutamente exclusiva. O município, a cidade e o grêmio possuem expansões ideais (formas espacialmente não exclusivas podem conviver estendendo sua influência além dos seus limites espaciais). Ainda mais, o contato espacial, a concentração, força ações recíprocas (interações) na direção da criação de um espaço comum característico das formas locais da vida coletiva.

Há uma relação entre formas sociais e o espaço (entendido como forma pura da intuição sensível). Em primeiro lugar, as formas sociais podem ser ou não intrinsecamente dependentes do espaço (por exemplo, a forma nação é intrinsecamente dependente de um território). A consequência é que da relação do grupo com seu território (proximidade ou exclusividade, isolamento ou pluralidade) se pode deduzir a sua estrutura. Uma segunda qualidade do espaço com influência sobre a interação é que para fins práticos o espaço divide-se em peças (ou pedaços) que possuem limites (que criam a unidade interna com normas próprias e estabelecem a relação com o exterior). Os limites são sempre arbitrários constituindo-se em lugares de tensão onde as relações entre vizinhos são testadas com movimentos ofensivos e defensivos. O limite não é um fato espacial com forma sociológica, mas um fato sociológico com uma forma espacial. Integração e exclusão, discricção e indiscricção são problemas levantados pela limitação social. Sobre a lógica interna de cada pedaço é preciso considerar a estreiteza ou largueza espacial e também a energia da coesão que mantém o pedaço como unidade.

A terceira forma de influência do espaço nas formações sociais reside na capacidade de fixação de conteúdos (fixos ou indeterminados, nômades ou sedentários). É relevante distinguir entre uma mentalidade que só entende o pertencimento ligado à presença local e uma outra mais flexível e ampla que o concebe estando o indivíduo ausente espacialmente (a economia monetária e a divisão do trabalho estabelecem uma representação que torna dispensável a presença). Por outro lado, a existência de um ponto de rotação em torno do qual venha a fixar-se o interesse dos membros de um grupo é de clara significação social. O encontro proporcionado pelo ponto de rotação potencializa energias sociais. Isso possui consequências também ao nível da memória: o lugar, por ter um caráter mais sensível que o tempo, faz gerar uma maior

força associativa. A memória tende a fundir-se com o lugar e reciprocamente. O lugar passa a correlacionar os indivíduos que participaram de um acontecimento de forte comoção sentimental em uma correlação ideal.

A quarta variável espacial é a que estabelece as relações de proximidade e distância. Há um progresso da abstração quando relações antes concebidas como atuantes apenas em termos da sua proximidade passam a ser compreendidas a partir de seus conteúdos, independentemente de sua presença. A confusão e complicação da vida moderna instituíram a indiferença ao que está próximo e a relação estreita com o que está distante. Os extremos sentimentais da proximidade são substituídos pelo distanciamento intelectualista. Na concentração (densidade) urbana há um ganho em liberdade e poder de abstração (o preço é solidão, sentimento de perda, e desconforto).

A sociedade dos aventureiros que construiu Brasília caracterizava-se pela simultaneidade dessas formas espacialmente ordenadas da interação social: a proximidade dos vários acampamentos unidos todos pelas obras no Plano Piloto; o território do Distrito Federal que lhes era exclusivo (a população tradicional do planalto mantinha-se isolada e era apenas visitada pelos aventureiros); o isolamento por barreiras do Inic que controlavam o afluxo quantitativo e qualitativo de pessoas; a pluralidade como marca de uma população de goianos, mineiros, nordestinos, cariocas, paulistas e estrangeiros oriundos de pequenas cidades do interior (a maioria), do meio rural ou das grandes cidades do sudeste; a condição que fazia com que as divisões internas – por classe social e funcional (no interior dos acampamentos) – e por origem regional (forma de identificação imediata criadora de solidariedade diante da transitoriedade da permanência na empresa) fossem contrabalançadas pelo alto nível de integração e coesão garantido pela propaganda da ideologia desenvolvimentista, pelo estímulo dos altos salários, e pelas condições da democracia de fronteira; a existência de um claro centro de rotação ou encontro das atenções: a própria obra, tanto os edifícios modernos que surgiam quanto a experiência de constante aprendizado nos canteiros.

O caráter excepcional de tal simultaneidade explica a qualidade da experiência por que passaram os aventureiros e a memória que desenvolveram sobre ela. O tempo da experiência é o intervalo entre o esquecimento salutar e a salutar recordação. A verdadeira experiência é intersubjetiva (“Lá onde domina

a experiência no sentido estrito, assiste-se uma conjunção no seio da memória entre os conteúdos do passado individual e os conteúdos do passado coletivo” – Benjamin, 1980). Ao contrário da simples vivência (a experiência degradada da modernidade incapaz de transmissibilidade, porque o horror é incomunicável) a experiência autêntica realiza o paradoxo de instalar o espaço fora do espaço e o tempo fora do tempo. Como na festa ou nos instantes revolucionários quando destinos individuais coincidem com destinos coletivos. Esses momentos e lugares tendem a ser esquecidos (não se adequam a uma história que é espelho dos vencedores: a epopeia do homem ou o progresso da razão) ou deturpados. Contra a história edificante dos vencedores, uma história (feita a partir de detritos, ou o que foi abandonado, detalhes, ou o que está tão próximo que é esquecido e acasos, aquilo que o poder ignora) que recupere a esperança que sustentava o que depois passou a chamar-se fracasso. Assim se poderá ligar o acontecido com o presente. O presente assume a sua carência e reconhece no passado a mesma condição. Descobrir na descontinuidade o sentido (como em uma constelação que só pode ser lida construtivamente).

O trabalho era pesado, mas entendido como prazer, escolha, gosto. Os maiores problemas de adaptação vinham dos goianos, acostumados às formas reguladas pela ajuda mútua e vizinhança da cultura rústica (pequeno excedente, ênfase no lazer e nas festas, visão contemplativa e fatalista – Aragão, 1988). Para os forasteiros a construção era uma grande oportunidade de desenvolvimento. O mais importante, no entanto, foi um subproduto contingente e casual: aventura em escala social. A cidade nascente como prova da criatividade humana. Lugar da experimentação, onde as coisas são puras (formas, extremos, modelos). A construção de Brasília pode ser vista como exemplo de uma aventura moderna na periferia capitalista:

essa orgia inefável, com esta santa prostituição da alma que se entrega por inteiro, em poesia e caridade, ao imprevisito que surge, ao desconhecido que passa [...] os fundadores de colônias conhecem indubitavelmente algo dessas misteriosas embriaguezes. (Baudelaire, 1921) ?

Fontes Consultadas

Depoimentos orais: Programa de História Oral. Brasília, Arquivo Público do DF

COSTA, Lúcio, 1988; GUIMARÃES FILHO, Augusto, 1989; MAZZOLA, Philomena Leporoni, 1988; NASCIMENTO, Osvaldo Alves do, 1990; PIMENTEL, Gladson da Rocha, 1989; QUEIROZ, Eronildes Guerra de, 1991; ROZA, Ary Garcia, 1989; SANT'ANNA, Eleonora Morandi Quadros de, 1989; SANTOS, Sebastião Bispo dos, 1990; SANTOS, Severino Manoel dos, 1990; SILVA, José Cosme da, 1990; SILVA, José Manuel Kluff Lopes da, 1989; SOARES FILHO, Oscar Niemeyer, 1989; SOEIRO, José Irismar, 1990; SILVA, José Cosme da, 1990; SILVA, Manoel Pereira da, 1990; TANDETA, Salomão, 1990; ZETTEL, Jayme, 1989

Referências

ADORNO, Theodor. *Minima moralia*. São Paulo: Ática, 1993.

ARAGÃO, Luiz Tarlei de. *Perspectivas de ocupação do cerrado na região de Brasília, ou, notas para uma antropologia do sertão*. Brasília: Ed. UnB, 1988. Mimeo. (Ciências Sociais. Série Antropológica, 72).

ATUALIDADES VERA CRUZ, fev. 1959.

BAUDELAIRE, Charles. *Prosa escogida*. Madri: Nueva, 1921.

BENJAMIN, Walter. *O narrador*. São Paulo: Abril, 1980. (Coleção Os Pensadores)

_____. *Sobre alguns temas em Baudelaire*. São Paulo: Abril, 1980. (Coleção Os Pensadores)

ELIADE, Mircea. *Tratado de história de las religiones*. Madri: IEP, 1954.

EPSTEIN, David. *Brasília, plan and reality: a study of planned and spontaneous urban development*. Berkeley: University of California Press, 1973.

FREIRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1968.

HABERMAS, Jürgen. *Teoría de la acción comunicativa II*. Madri: Taurus, 1987.

JORNAL DIÁRIO CARIOCA, Brasília, 11.2.1960. _____, 21.5.1960.

NIEMEYER, Oscar. *Minha experiência em Brasília*. Rio de Janeiro: Vitória, 1961.

RIBEIRO, Gustavo Uns. *O capital da esperança: Brasília, estudo sobre uma grande obra da construção civil*. Brasília, 1980. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, 1980.

SILVA, Joelma Rodrigues da. *Mulher: "Pedra Preciosa"; prostituição e relações de gênero em Brasília (1957-1961)*. Brasília, 1995. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, 1995.

SIMMEL, Georg. *A aventura*. Trad. de Sebastião Rios. [s.l., s.d.]. Mimeo.

_____. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

_____. *Soziologie: Untersuchungen über die Formen der Vergesellschaftung*. Frankfurt: Suhrkamp, 1992.

TAMANINI, Lourenço Fernando. *Memória da Construção*. Brasília: Royal Court, 1994.

TEIXEIRA, Hermes Aquino. *Brasília: o outro lado da utopia (56-60)*. Brasília, 1982. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, 1982.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1967.